



CONSUMIR-DECIFRAR-REDEVORAR - O REMIX DA GULA IMAGÉTICA: AS REPRESENTAÇÕES QUE CONSUMIMOS NAS REDES SÃO AS IMAGENS QUE NOS DEVORAM

Márcia Siqueira Costa Marques¹

Resumo

Com a internet e as redes sociais digitais outras janelas de interação se abriram. Vimos a relação tempo-espaço ser desafiada e entramos num mundo “líquido”. Para pensar sobre esse mundo imagético, com conexões em rede, que se liquefaz, no qual devoramos e somos devorados de maneira irrefletida, utilizaremos os conceitos de gula de Flusser; redes de Castells; mundo líquido de Bauman e Flusser, servidão voluntária de Etienne La Boétie e de coerção de Batirello Jr, Kamper e Mersmann. Nas novas configurações das mídias digitais, com tantas aparentes possibilidades, o ser humano pode se isolar cada vez mais, pois o fenômeno da visualidade traz também a invisibilidade, a morte simbólica de todos.

Palavras-chave: Imagem. Gula. Servidão. Coerção. Invisibilidade.

Introdução

Com as tecnologias da informação e comunicação vimos a relação tempo-espaço ser desafiada e grandes janelas de intercâmbio foram abertas. A ideia contemporânea de interação incorpora inovações na compreensão das experiências e estrutura do espaço. Novas tecnologias eletrônicas e mídias digitais separam as realidades do mundo corpóreo e as experiências ubíquas nas redes tecnologicamente mediadas. A existência passa a ser processada em dois âmbitos diferentes: o ambiente real, o físico, e o virtual – que também é real. A reprogramação do espaço e do tempo reduz o espaço geográfico, em termos absolutos, ao lugar imediato de acesso, que se reduz ao tempo real, num fluxo sem começo nem fim,

¹ Professora do Centro Universitário Belas Artes, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Pesquisadora do CENCIB -Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP- e Associada a ABCiber Associação de Pesquisadores em Cibercultura. E-mail:marciasiqueira253@gmail.com

V COMcult

o que custa o virtual?

numa ordem sucessória, como um tempo atemporal do planeta. A existência humana passa a se processar em dois âmbitos diferentes- ao mesmo tempo: o ambiente “real” e o virtual. A extensão geográfica se faz e se refaz no contexto midiático (acesso/transmissão/recepção). A reconfiguração do espaço e do tempo leva à negação da materialidade numa vivência virtual, onde o físico, face-a-face, se torna quase “dispensável” no processo comunicacional atual. Somos substituídos por imagens de nós mesmos a nos representar. É a cultura do upload/download a um clique de distância, num intercâmbio dinâmico entre as pessoas que formam as redes sociais digitais. De maneira global e *always on*, o espaço virtual parece envolver o mundo físico e nele se engendra constantemente.

Redes de sociabilidade e de exclusão

A aplicação do tempo real pelas novas tecnologias resulta em um tempo planetário, mundial e único, que se refere ao “aqui-agora”, não está ligado a passado ou futuro. O tempo real da rede de comunicações atual nos insere numa nova lógica para a comunicação e para os negócios. Castells (2006, p. 54) afirma que estamos vivendo o nascimento de uma estrutura social associada ao surgimento de um modo de desenvolvimento, o “informacionalismo”. “A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede²”.

Nesse modo de desenvolvimento, a fonte de produtividade está na tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento da informação e de comunicação de símbolos. Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente influenciados pelo meio. Esse aspecto

² Utilizamos aqui a definição que Manuel Castells dá de sociedade em rede: “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder. [...] Redes são estruturas abertas, capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu próprio equilíbrio” (CASTELLS, 2006, p. 565-566).

V COMcult

o que custa o virtual?

dos efeitos das novas tecnologias permeia todo sistema. Outra característica se refere às lógicas de redes, essa conexão em rede pode definir o poder dentro da cadeia de conexões. A existência social e suas segmentações no mundo contemporâneo passam a depender de nossa conexão em uma determinada rede e dessa rede dentro do todo, pois existem inúmeras redes que por sua vez, resultam numa outra organização complexa, num emaranhado de relações (biológicas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas). Um mundo em rede é emaranhado, por isso gera vidas e relações intrincadas. Uma nova geografia, na qual correm os fluxos, se torna o resultado desse mundo virtual de conexões.

A emergência da noção de redes digitais forçou a expansão da própria ideia de laços e de comunidades que não se baseiam mais conceitos que pressupõem presencialidade física e, portanto, localidade. Estes conceitos foram alongados às novas demandas das redes sociais digitais. Esse fenômeno reflete bem o que o sociólogo Zygmunt Bauman chamou de vida líquida, configurada na fluidez, fugacidade e individualização das relações. A sociedade de redes está, dessa maneira, sendo marcada por uma dinâmica distinta daquela que distinguiu o passado (onde eram fortes as noções de laços e comunidades). Para Bauman, a sociedade contemporânea é líquida porque “as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 7). Na internet, isso traz implicações muito importantes: “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais corriqueiras, mais superficiais e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços” (BAUMAN, 2004, p. 82.). Assim sendo, “a realização mais importante da proximidade virtual”, afirma Bauman, “parece ser a separação entre comunicação e relacionamento”. (2004, p. 83).

O ser humano vive em uma sociedade organizada, na qual os comportamentos sociais são ordenados, e o poder é uma forma de controle social - e o âmbito no qual se constrói esse poder é, sobretudo, a mente humana. A comunicação promovida pelas imagens gera e estimula certa violência contra a integridade física e cultural de nossos corpos. Perdemos a sensibilidade de apreender o presente, o aqui e agora. Cedemos nossos corpos em favor das imagens projetadas para nós mesmos. Perdemos poder em nossas interações, como explica Castells (2009, p.11-16) quando argumenta que o poder é a capacidade de transformar a

V COMcult

o que custa o virtual?

realidade impondo uma vontade sobre outra; é sempre uma relação entre duas ou mais vontades, onde uma prevalece. A batalha para influenciar nossas mentes, a construção do poder, se constitui principalmente no espaço da comunicação. A conquista desse poder, ainda que possa ser irrelevante para alguns, é importante no espaço social onde foi conquistado, seja em casa, na empresa, no bairro ou nas redes.

O autor explica que “as redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais”. Para ele, a “transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade”. Afirmar também que o individualismo é uma tendência dominante na evolução das relações sociais em nossa sociedade: o “novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede” (2003, p. 107).

Segundo o pesquisador, os aspectos essenciais da constituição dessa organização social condicionam ou impactam, circunstancialmente, dimensões tão diversas quanto a economia, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia, indicando que a sociedade em rede seria a estrutura social dominante do planeta, pois as redes configuram as lógicas da organização social contemporânea, caracterizando-se pela geração, processamento e transmissão da informação como fontes fundamentais de produtividade e poder. (CASTELLS, 2009, p.27-28)

Em *Communication power* (2009), Castells cunha a expressão *mass self-communication* (que pode ser traduzida como “autocomunicação de massa” ou “comunicação de massa individual”) para analisar o que ele expõe como atual momento de expansão da comunicação massiva, viabilizada pelo alastramento do uso dos computadores pessoais conectados à internet. Nesse universo comunicacional, a interação e o uso das redes atingem um número cada vez maior de pessoas simultaneamente, em tempo real. Essa plataforma massiva pode ser utilizada para a comunicação de caráter jornalístico, publicitário, corporativo, mas, especialmente, pessoal. Para ele, essa grande modificação gerada pelo cenário dinâmico da comunicação modifica as novas interações, ou seja, as relações de legitimidade política se transformam. As instituições tendem a ser modificadas paulatinamente para se adequarem aos novos formatos e conteúdos necessários à interação



com o público. Novas relações de poder podem surgir. A facilidade e o grande leque para escolhas podem mascarar a ausência de profundidade e de comprometimento das partes.

A internet é uma tecnologia de comunicação, entretanto não é o desempenho da rede ou da ferramenta que é o mais importante, e sim a ligação existente entre esta técnica e o modelo cultural de relacionamento das pessoas. Compreender os laços existentes e o projeto no qual o indivíduo se insere também são fatores importantes para gerar uma apreciação mais acertada da influência e poder dessas conexões que estruturam a sociedade mediada por meios telemáticos.

Dos Sete Pecados Capitais: a gula contemporânea³

Vilém Flusser usa a metáfora dos “Sete Pecados Capitais” para ilustrar que por meio destes pecados (a saber: luxúria, ira, gula, inveja, avareza, soberba e preguiça ou tristeza do coração), o “diabo” procura nos seduzir para que acreditemos que existe um sentido para a “absurdidade” de tudo e que o mundo ilusório dos fenômenos sensíveis é real. E esclarece que a jornada do homem se baseia na criação da segunda realidade, a simbólica. O autor chama a atenção para o fato de que “a evolução do diabo e a evolução da vida são, pelo menos, paralelas” e continua explicando que “no fundo são, portanto, todos os sete pecados um único – são sete aspectos da mesma atitude. [...] e referem-se, todos eles, ao homem” (FLUSSER, 2008, p. 26).

Flusser, assim como Bauman, usa a metáfora da liquefação quando afirma que “nossos conceitos se liquidificaram, os contornos de nossas definições se borraram, estamos em ambientes líquidos, fluidos e presos da correnteza furiosa do tempo” (Idem, p. 51).

No atual ambiente midiático, embora todos os pecados continuem atualizados, um deles chama a atenção: a gula. Esse pecado também está relacionado ao egoísmo humano: querer ter sempre mais e mais, não se contentando com o que já tem. Pode-se observar uma profunda mudança na sociedade do consumo, com o surgimento de uma nova relação emocional entre o consumidor e a mercadoria. O sujeito passa a desejar o objeto, só que é

³ O texto sobre a gula foi desenvolvido e apresentado em tese de Doutorado da autora, defendida em outubro de 2012, na PUC-SP. Foi revisto e atualizado no presente trabalho.

V COMcult

o que custa o virtual?

influenciado mais pelas necessidades individuais, diferenças de idade, gostos personalizados e uma busca pelo prazer pessoal, do que pela necessidade de consumo.

A gula para Flusser já é um pecado plenamente dedicado à transformação do mundo natural ao industrial, e é ligada ao metabolismo. O autor acredita que “a gula é um pecado idealista” (2008, p. 121) e que a história da vida pode ser descrita como a evolução da fome. Para ele, a vida “não dispões de órgão para a gula. Esse órgão é mental”, ou seja, gula é o “prazer de devorar por devorar” (idem, p. 125). A pessoa consome por status, para “mostrar ao vizinho”, para exibir. Numa era de aparências, na qual o consumo de produtos ou serviços contribui para a definição do *eu* de cada indivíduo, mostrando quem ele é ou quem gostaria de ser, o hiperconsumismo é a gula, é o alcance da fatura de opções na internet 24 horas por dia, todos os dias da semana, no planeta todo.

Flusser alerta para o fato de o conhecimento especializado ser a faca que “fatia” a natureza, cortando-a em “objetos” e que os veículos são excretados para que possamos estar em todos os lugares ao mesmo tempo. “Servem para devorar o tempo, mas o fazem de uma forma tão diabólica que nos tornam completamente escravos do tempo” (FLUSSER, 2008, p.127).

Parece óbvio que a gula esteja associada à atividade consumidora e os excrementos ao lixo gerado no planeta. A “gula” faz surgir novos produtos e serviços. Flusser argumenta que “o problema na gula é o consumo” [...] e o “devorar ininterrupto é acompanhado da vontade de vomitar o devorado. O nojo é a antítese da gula” (idem, p. 128). Numa imagem de bulimia incessante, isto é, um distúrbio da era atual.

Nós somos gulosos e devoramos o mundo dos sentidos para incorporá-lo, na forma de língua (sistema de símbolos), e excretá-lo como tecnologia (máquinas e instrumentos). A tecnologia aparece como novo horizonte de realidade, por isso a gula é uma atividade criadora de ilusão. “A mente, essa única realidade, devora ilusão, digere ilusão, e excreta ilusão informada por mente. Esses excrementos, a mente dispõe ao seu redor, para esconder-se neles” (FLUSSER, 2008, p. 130). É interessante perceber que, na era do descartável, a imagem da tecnologia como excremento, ou seja, o homem produzindo “restos”, o próprio mundo tecnológico nos fornece a obsolescência programada, tudo é fugaz. Tudo é moda: *in e out*. Tudo deve ser substituído. Tudo é troca, um eterno fluxo- fugaz.

V COMcult

o que custa o virtual?

Norval Baitello Jr, em “A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura”, explica que verdadeiras máquinas de imagens estão presentes em diversas situações socioculturais, gerando uma sensação de proximidade entre as pessoas, mas parecendo uma miragem, pois “quanto mais se quer expor, mostrar, tornar visível, tanto mais se consegue apenas aparentar, esconder, simular ou ofuscar” (2005, p.21). Depois de criadas, as imagens passam a nos enlaçar, a nos imobilizar. Por medo, principalmente da morte, “inflamos os signos, símbolos e as próprias imagens, para que nos protejam como escudos. E passamos a viver dentro da armadura dos signos e símbolos, as imagens de corpos” (Idem, p. 23). A maioria das pessoas tem sua vida afetada pela internet, mesmo que indiretamente e, hoje, é praticamente impossível pensar a existência sem essa rede tecnológica global. Dessa maneira, passamos a conviver com a técnica e com as mudanças que ela acarreta, de forma quase que indiferente: não apreendemos a tecnologia que rodeia nossos corpos.

Nesse mundo criado e recriado pela técnica, a diferença entre realidade e virtualidade torna-se cada vez mais difusa. Num mundo inconstante, inseguro e fugaz, o indivíduo já não pertence a categorias precisas. A falta de distinção entre o público e o privado, a anulação de fronteiras territoriais, o fenômeno do tempo real –e sua supremacia -ocasionados por meio das inovações tecnológicas, são acontecimentos que estão inscritos na vida cotidiana das pessoas e modificam a informação social e política de todos, além da participação econômica e profissional. A fragmentação dos públicos, a segmentação em nichos minúsculos, a variedade de mídias, os bancos de dados infinitos, enfim, todas as novas possibilidades da cibercultura ajudam nessa dissolução. As tecnologias de comunicação descortinam a era da velocidade das mudanças e da economia de tempo.

A predominância das redes no mundo contemporâneo coloca em xeque categorias e conceitos tradicionais, como as relações de poder; e as categorias básicas da vida, como tempo e espaço, são desconstruídas e confundidas. A interação local-regional-global expressa um mundo em que os processos ocorrem em tempo real no espaço global do planeta, modificando a relação tempo-espaço “físico” das pessoas. Nunca tantas pessoas ouviram e souberam sobre os outros lugares do planeta - com muitos detalhes, mas ainda assim, sem profundidade, sem experienciar a vivência. Há uma padronização do mundo com seus comerciais globais, com as empresas multinacionais, com acesso amplo a qualquer assunto na

V COMcult

o que custa o virtual?

internet. Entretanto, a expectativa de uma sociedade global integrada se mostra como um povoado nada homogêneo, sem comunhão cultural e, pior ainda, sem adaptação econômica. A abrangência planetária dos meios de comunicação dá alcance global às vozes, ideias e ideais das pessoas por meio de redes de sociabilidade, mas com as novas tecnologias aumenta ainda mais a quantidade de pessoas excluídas e segregadas.

As organizações estabelecem as relações de poder, que incluem ou excluem os usuários e para Castells (2009, p.52) as redes de comunicação definem o poder de persuasão das conexões. Existe o poder da rede, em que alguns usuários exercerão poder sobre outros; a força de trabalho dela, que soma o poder de cada pessoa; as conexões que ela traz para a rede como um todo e o arcabouço de tomada de poder, que o indivíduo programa a criação e união de redes para aumentar o alcance da informação de sua própria conexão. Ou seja, as junções e as redes formadas por esses nós podem ter pesos muito diferentes nessa mesma organização. Esse esquema social é fomentado pelo desejo e engajamento das pessoas. A adesão parece ser voluntária, contudo determina uma rede de influências. Como discordar com o que todos já aderiram em sua rede de relacionamentos? A segregação e exclusão social, nesse caso, parecem ser piores do que a servidão voluntária. A morte simbólica pode se mostrar menos agradável do que a perda da liberdade?

Gula imagética e violência

Em *Discurso da servidão voluntária*⁴, escrito no século XVI, Etienne La Boétie, já mostra uma aparente contradição no próprio título: como é possível servir de forma voluntária, sacrificando a própria liberdade? E como se pode ser servo por espontânea vontade? O autor acredita que a primeira razão pela qual os homens servem de bom grado é que nascem servos e são criados desse modo, primeiro na obediência aos pais, aos patrões e até aos amigos. Ele diz que “é natural no homem o ser livre e o querer sê-lo; mas está igualmente na sua natureza ficar com certos hábitos que a educação lhe dá” (LA BOÉTIE, 2009. p.36). O que ocorre com os seres humanos é que “muitas vezes eles perdem a liberdade

⁴ O texto sobre a servidão voluntária foi desenvolvido e apresentado em tese de Doutorado da autora, defendida em outubro de 2012, na PUC-SP. Foi revisto e atualizado no presente trabalho.

V COMcult

o que custa o virtual?

porque são levados ao engano, não são seduzidos por outrem, mas sim enganados por si próprios” (Idem. p. 29). Ele enfatiza que as pessoas são seduzidas facilmente e “é espantoso como elas se deixam levar pelas cócegas” (Idem. p. 46). Muitos engodos como teatros, jogos, farsas, espetáculos e medalhas foram utilizados para enganar o ser humano e assim tirar-lhes a liberdade. O povo se inebriava com esse passatempo, divertia-se prazerosamente e, dessa maneira, servir a seu soberano, tornava-se um hábito. Nesse sentido, é o povo que acaba por forjar as mentiras em que posteriormente vai acreditar, são os próprios homens que se fazem dominar, que seguem as vontades do rei, do tirano, ou do seu patrão. Caso realmente quisessem sua liberdade de volta, precisariam somente se rebelar e retomá-la. Para ele, esse tirano não se torna senhor por desejo próprio, mas por ocupar determinado lugar já existente e, dessa forma, responde à demanda já formulada por aquele povo e passa a liderar pessoas que se deixam dominar. O autor postula que a servidão só existe, para um, pela vontade do outro, porque o escravo vem antes do senhor e que talvez as pessoas não queiram a liberdade de volta, ou seja, se sentem seguras sob o jugo de reis, príncipes e senhores. Ele enfatiza que após se instalar, o opressor detém a vontade e o poder de subjugar. E nunca faltaram tiranos e opressores na sociedade contemporânea. A desigualdade global é cada vez maior e escravos e excluídos existiram e ainda persistem por todo o planeta.

Em texto apresentado no Seminário Internacional “Imagem e Violência”, em São Paulo, em março de 2000, “sobre o futuro da visibilidade” há uma elucidação dos autores sobre a coerção do mundo imagético, que assim como a servidão explicada por La Boétie, é voluntária e eficaz:

A coerção - de transformar em imagem tudo o que existe, por força do olhar – está algemada a uma estranha voluntariedade que borra e apaga inapelavelmente as velhas fronteiras, frentes de batalha e limites. Esta “coerção voluntária” desdobra-se e revela-se atualmente em imponentes efeitos especiais, e com uma eficácia irrefutável. E, para aqueles que, voluntaria ou involuntariamente, colocam a visibilidade como condição da própria pertencência social, ela não deixa a menor chance de escapar. Abre-se aí um círculo vicioso: para participar no processo da visibilidade em ascensão, as pessoas suportam a perda da própria vida em sua corporalidade pluridimensional. Elas condenam a si mesmas a existir e a viver apenas na superfície da imagem. E isto acontece com uma crueldade absolutamente internalizada. Além disso, a longa sombra da visibilidade mergulha na obscuridade todo acontecimento que seja decisivo para todos. (BAITELLO JR, KAMPER, MERSMANN, 2000).

V COMcult

o que custa o virtual?

Assim, podemos perceber que o excesso de visibilidade cega a percepção do homem para o corpo real, do ambiente, e o leva a assumir um corpo virtual. A gula imagética, o consumo desenfreado de imagens - de todos os tipos, se atualiza na internet de maneira singular, já que os meios de comunicação modificam nosso modo de conhecer o mundo, dado que nossa experiência não é mais o contato com o real, mas com a representação midiática dele. Sabemos que a prioridade da imagem sobre o texto muda a importância da informação contida na notícia. Na internet, somos bombardeados com todo tipo de imagens que consumimos freneticamente. Dessa maneira, estamos imersos em um mundo de possibilidades ilimitadas e a realidade fica deslocada, meio desfocada em nossa visão e, muitas vezes, não percebemos nossos próprios limites. Não há uma continuidade, tudo é substituído, modificado e o que era um segundo atrás, já não é mais. O baixo custo e a rapidez da internet favorecem a difusão de informações.

Para Baitello Jr, “alimentar-se de imagens significa alimentar imagens, conferindo-lhes substância, emprestando-lhes os corpos”. E representações são consumidas desenfreadamente na internet. A abundância pode ser vista pelo lado positivo, como parte vital da manutenção da uma sociedade livre, na qual todas as vozes podem ser ouvidas, mas o excesso da informação também é forma de desinformação. Há um dilúvio informacional que pode desinformar, não só pelo excesso em si, mas também pelo equívoco de devorar por devorar. Nesses casos “ao contrário de uma apropriação, trata-se aqui de uma expropriação de si mesmo” (BAITELLO JR, 2005, p. 97). E nossos corpos, expropriados de sua essência são redevorados, num processo contínuo, que tem como resultado a superprodução de imagens rapidamente descartadas e substituídas por outras imagens. “A lógica da sociedade imagética pensa a curto, curtíssimo prazo, o prazo da última repetição, da última reprodução, que já está obsoleta antes mesmo do término de sua curta vigência” (Idem, p. 53).

Há um discurso de “sustentabilidade” na sociedade atual, mas as pessoas parecem não perceber como é insustentável essa atividade consumidora “gulosa”, devoradora não só dos recursos naturais e dos produtos, mas também devoradora de sujeitos (incluindo nós mesmos, o que nos torna parte do que há para ser consumido). Como destaca Flusser:

V COMcult

o que custa o virtual?

[...] o homem não passa de órgão no corpo da vida, cuja meta é devorar a natureza que lhe é anterior, transformá-la em instrumentos, e ser devorado por eles. E quando tiver o homem completado esse seu dever, será extinto. O diabo não necessitará mais da sua ajuda [...]. (FLUSSER, 2008, p. 131).

O autor segue afirmando que podemos estar cansados e esgotados pelo progresso, podemos querer, exaustos, abandonar a caça. Não podemos fazê-lo. O rolo compressor da gula em progresso nos arrasta consigo, ou passa por cima de nós e nos comprime. [...]. A humanidade oferece, atualmente, a imagem da megalomania. (FLUSSER, 2008, p.136).

É importante perceber que o livro em questão foi publicado nos anos 1960, mas essa megalomania é muito atual. A internet é repleta de superlativos. Enquanto o rádio levou 38 anos para atingir uma audiência de 50 milhões de usuários e a televisão precisou de 13 anos, o *Facebook* atingiu 100 milhões de usuários em apenas 9 meses. Com quase um bilhão de usuários ativos (e operando ao mesmo tempo), se o *Facebook* fosse um país, ele estaria entre os cinco maiores países do mundo. Algumas celebridades têm mais seguidores no *Twitter* do que a população de países inteiros.

Flusser pondera que “os homens, ao invés de frear (ou pelo menos tentar frear) os avanços das máquinas, ainda lhes aplicam o chicote para incentivar a sua corrida desenfreada rumo ao abismo” (FLUSSER, 2008, p.136). Essas chibatadas talvez expliquem a voracidade de aquisições de amigos, seguidores, quantidade de acessos, comentários, posts, presença em redes sociais, o que também elucidaria a informação de que “atuar em redes sociais online superou a pornografia como atividade número um na web”⁵ (embora redes sociais possam incluir também pornografia).

McLuhan ressalta que “a idade da angústia e dos meios elétricos é também a idade da inconsciência e da apatia” (MCLUHAN, 2007, p. 65). Destaca ainda que “uma extensão tecnológica de nossos corpos, projetada para aliviar o stress físico, pode produzir um stress psíquico muito mais grave” (Idem, p. 87). Assim como Flusser, que quando desenvolve sua argumentação sobre a gula, lembra que esse pecado abriu uma nova visão sobre a condição humana, uma vez que, para ele, não passamos de um elo no processo que visa transformar transitoriedade em real. Essa consciência, entretanto, pode nos conduzir à solidão humana. Flusser observa que:

⁵ *Socialnomics*.

V o que custa o virtual?

[...] as máquinas e instrumentos formarão uma muralha chinesa em redor da mente, e evitarão que o acaso, a necessidade e outras influências, teoricamente caóticas, possam inquietá-la. [...]. Dentro das muralhas haverá um novo senso do ‘estar abrigado’, portanto de realidade. (FLUSSER, 2008, p.126).

Dessa maneira, o consumo imagético nas redes sociais digitais acaba sendo percebido como um abrigo, pois as redes sociais podem ser vistas como estratégias de interações sociais, escolhas pessoais, espaços de intercâmbios em constante movimento, com dinamismo e flexibilidade próprios. Elas aparentemente conectam pessoas, formam laços, configuram outras redes e traçam um movimento de participação social de seus membros de maneira descentralizada e distribuída. Podem ser redes formais ou informais e são configuradas por buscas ou necessidades subjetivas. A comunicação em rede e as associações em rede indicam novas formas de participação e interação, mas a própria facilidade de escolha dos novos meios, que visivelmente nos oferecem tantas alternativas de caminho e leitura, possibilitando programações “únicas”, sob medida, pode acabar por dissolver o horizonte comum da sociedade. A fragmentação dos públicos, a segmentação em nichos minúsculos, a variedade de mídias, os bancos de dados infinitos, enfim, todas novas probabilidades de interação podem colaborar nesse processo de dissolução do abrigo - que na realidade nos devora.

No cenário atual da cultura da visualidade têm-se mais imagens do que podemos ver, conforme afirma Baitello Jr (2005, p. 14): “a crise da visibilidade não é uma crise das imagens, mas uma rarefação de sua capacidade de apelo. Quando o apelo entra em crise, são necessárias mais e mais imagens para se alcançar os mesmos efeitos”.

A apropriação tecnológica -na internet- acelerou e ampliou as funções humanas, bem como modificou os limites de espaço e tempo, criou o espaço virtual com conexões online, novas formas de entretenimento, informação. Por outro lado, trouxe uma série de perdas de referenciais que podem resultar na solidão, na intolerância, no narcisismo, e até na morte simbólica dos indivíduos. “Estar-online” passa a ser associado à existência social, política e econômica assim como à riqueza. O “não-estar-em-rede” associa-se à antiga e nova forma de exclusão, de miséria e de violência. Passamos a colecionar imagens e a viver num mundo de representações.

V COMcult

o que custa o virtual?

Muitos perigos podem surgir desse tipo de comportamento. A personalização passa a moldar o fluxo de informações em nossas vidas e numa época de informações partilhadas a personalização afasta as pessoas dos outros, da alteridade. A internet tem na personalização uma estratégia fundamental. A rede, agora, passa a girar em torno do “eu”. Talvez isso explique a febre de “selfies” nas redes sociais. O “eu”, num mundo exclusivo, adaptado a cada um, povoado por conhecidos, por coisas e ideias familiares, tende a ser um lugar confortável. O egoísmo das conexões em rede se referencia “no que eu conheço” e isso tende a ter um enorme potencial de violência.

Os meios de comunicação passam a ser um reflexo de nosso interesse e nossos desejos. É interessante notar que nas redes sociais digitais o sujeito se inscreve como objeto, para ser adicionado, como uma imagem a ser consumida. No caso do twitter é um termo ainda mais forte: é o seguidor. Entrar nesse novo universo tecnológico é participar desse sistema aceitando suas regras específicas e, assim, “fazer parte, ser incluído no jogo”.

Conclusões

Vivemos num mundo de imagens. Somos devoradores de representações e o fazemos vorazmente da mesma forma como somos devorados por elas. Não estamos preparados para o banquete imagético da internet, pois sempre estaremos presos a uma mentalidade do passado, temos que nos adaptar e esses pontos de transição são momentos de certa desorientação, de indefinição. Nenhuma forma cultural significativa nasce inteiramente concretizada. Há sempre um período de gestação e adaptação em que os gêneros, processos e tipos de meio se definem. É difícil apreender o fenômeno que ocorre de maneira sutil, mas de forma expressiva na sociedade.

Uma rede social digital pode ser definida como uma estrutura social feita de nós (ou pontos de junção/intersecção, que são geralmente indivíduos ou organizações) que estão relacionados por um ou mais tipos de interdependência, tais como valores, visões, ideias, amigos, conflitos, comércio, trocas financeiras ou links na internet. A utilização das tecnologias de rede, aliada à fragmentação da formatação de conteúdo, da Web 2.0, possibilita que as interações e articulações em redes sociais se tornem efetivas, em uma escalada de consumo imagético que aumenta exponencialmente, como aumentam as redes.

V COMcult

o que custa o virtual?

Compreender os laços existentes e o projeto no qual o indivíduo se insere também são fatores importantes para gerar uma apreciação mais acertada da influência e poder dessas conexões que estrutura a sociedade mediada por meios telemáticos. Na nova configuração das mídias digitais, com tantas possibilidades e opções de consumo, as pessoas podem se isolar cada vez mais, sem uma interação social e cultural com o entorno e com outras pessoas – elas consomem somente a representação.

O fato de estar presente em inúmeras redes sociais digitais não significa abertura para outras culturas, outras ideias, pois lembrando a música de Caetano Veloso “Narciso acha feio o que não é o espelho”⁶. A tendência do ser humano é buscar seus iguais, seus pares de pensamento, ficar onde não existe o conflito, não há divergências, onde todos são parecidos. É uma comunidade que só tem a ideia do “comum”, é um grupo onde a diversidade não se encaixa. Uma sociabilidade que se baseia no “eu” é simbolicamente violenta e não reconhece alteridades.

A comunicação em rede e as novas associações, provenientes desta, criam outras formas de participação e interação, bem como de morte simbólica, da lógica do fenômeno do aparecimento e, por consequência, do desaparecimento.

O próprio mundo tecnológico nos fornece a obsolescência programada, tudo é fugaz. Tudo é moda: in e out. Tudo pode ser substituído. Tudo é troca, um eterno fluxo de nossas próprias ideias.

A força de uma imagem está contida na percepção do que ela representa, dessa maneira, ela referencia outras representações precedentes. Na era do *remix*, é interessante perceber a apropriação que devora conteúdos de todos os tipos, inclusive a nós mesmos.

Referências

BAITELLO JR, Norval J. **A era da inconfogia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

⁶ Veloso, Caetano – Sampa- música de 1978.

V COMcult

o que custa o virtual?

- BAITELLO JR, Norval J , KAMPER, Dietmar e MERSMANN, Birke. **Sobre o futuro da visibilidade**. Disponível em: < http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv1_futurovis.pdf >. Acesso em: 25 ago. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009.
- _____. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Brasília: LGE Editora, 2009.
- MARQUES, Márcia Siqueira Costa. **O blog como meio de comunicação**. Origem, apropriações e horizontes da blogosfera na sociedade contemporânea. 2012. 181f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em:(< <http://www.sapientia.pucsp.br/>>).
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- QUALMAN, Erik. Socialnomics. Como as mídias sociais estão transformando a forma como vivemos e fazemos negócios. São Paulo: Ed. Saraiva, 2012.
- VELOSO, Caetano. **Muito (Dentro da Estrela Azulada)**. F.7, Música: Sampa.São Paulo. 1978. Polygram.CD.